

PROJETO CULTURAL PARA A FÁBRICA DE CIMENTO "PERUS"

01 – INTRODUÇÃO

O Distrito de Perus, na capital de São Paulo, foi palco, nas décadas de 50 e 60, das mais longas greves da história do país. O movimento operário, conhecido como Greve dos "Queixadas", mobilizou à época os mais diversos setores sociais, teve cobertura na imprensa, foi tema de documentários, teses acadêmicas e repercutiu em todo o Brasil e mesmo fora de suas fronteiras.

Toda essa importância não decorreu apenas de sua longa duração, mas ainda pelo caráter não-violento que norteou a resistência operária.

É significativo assinalar que o movimento soube incorporar demandas sociais que só recentemente adquiriram plena maturidade, pois que para além da simples reivindicação trabalhista, a Greve dos "Queixadas" trazia em seu bojo outros elementos fundamentais. Antecipou algumas questões que vieram a se tornar na década atual o cerne das ações políticas de movimentos organizados de amplitude internacional e de governos do assim chamado primeiro mundo.

Naquele momento, vinculada à poluição provocada pelo pó de cimento lançado à atmosfera pela fábrica, com todas as consequências nocivas às pessoas e ao meio ambiente, constou da pauta das negociações do sindicato dos trabalhadores o item relativo à preservação ambiental.

Do ponto de vista efetivamente histórico, o movimento dos trabalhadores da Cimento Perus adquiriu uma dimensão que lhe assegura o direito de figurar entre os grandes processos sociais transformadores de uma época.

Vitorioso não apenas pelos resultados de curto prazo que alcançou, mas ainda em função das preocupações centrais da sociedade moderna, o movimento dos trabalhadores da Perus exerceu considerável influência no meio sindical, político e social, através de um combate que aliava formas de luta originais com reivindicações que extrapolavam os próprios marcos espaciais da fábrica onde acontecia.

Sendo assim, que outro reconhecimento mais significativo poderia ser dado a um movimento que incorporou, de fato, a idéia de Preservação em suas lutas, senão o de realmente preservar todo o mundo material, e também fundamentalmente imaterial onde viveram, sonharam, trabalharam e lutaram esses homens?

02 – PROPOSTA

As considerações acima estiveram sempre presentes desde o primeiro momento, quando a Comissão dos Trabalhadores Aposentados da Fábrica e outros segmentos da comunidade local iniciaram a discussão da utilização do espaço da fábrica de cimento, desativada há quase 5 anos, e continuamente esvaziada pela venda de seus equipamentos como sucata.

A providência inicial seria propor o "tombamento" da fábrica, medida nem sempre capaz de garantir a preservação do patrimônio.

A par de outras informações também coletadas, como o montante da dívida dos antigos proprietários para com a União, o Estado e o Município, foi se delineando a possibilidade da "desapropriação" da área da fábrica e seu entorno, onde se localizam imóveis que estiveram interligados ao processo industrial de produção de cimento, além das construções destinadas à moradia dos trabalhadores, técnicos e administradores, conjunto bastante significativo do contexto sócio-econômico local.

Nas inúmeras reuniões realizadas na sede do Sindicato, foi se construindo, então, ainda que de forma embrionária, o conjunto daquilo que sintetizaria em linhas gerais o projeto que desejamos para perpetuar o patrimônio espiritual e material da Perus.

Cabe a princípio preservar a área habitacional, guardando ainda hoje suas características originais, onde residiram e ainda residem os operários ou seus descendentes.

Cabe também preservar as construções industriais da fábrica, com seus galpões, escritórios, oficinas, fornos, máquinas, equipamentos e ferramentas; seus pátios, guaritas, silos e plataformas; o refeitório e as áreas de lazer e recreação e as áreas esportivas. Tudo isso lembra onde e como viveram os "Queixadas".

E isso constitui a materialização, em espaços e objetos, de sua cultura e de sua herança.

Mas preservar não pode ser entendido, neste contexto, como congelar, manter intocável, inacessível, sagrado, pois tal conotação é totalmente estranha para todos aqueles que confundiram suas próprias vidas com as ações que desempenharam ali. Nada seria mais incoerente com a preservação da memória dos trabalhadores da Perus do que a mumificação das coisas para conservá-las.

Trata-se portanto de fazê-las hoje presentes naquilo que têm de mais vivo e dinâmico, retomando sua memória para que sirva de alicerce na construção da história que é e que será. Neste sentido, cumpre pensar os prédios e espaços da velha fábrica como palco privilegiado daquelas atividades que contemplem tal perspectiva dinâmica.

O objetivo definido aponta para a organização de um conjunto cultural, de lazer e esporte, onde propomos a utilização dos prédios e instalações da fábrica como centro de cultura destinado ao trabalhador.

A restauração e adequação do conjunto às atividades propostas implica sua colocação à disposição de todos os cidadãos, propiciando espaços e equipamentos às manifestações artísticas mais variadas, ao lado de um centro de documentação e pesquisa que preserve e enriqueça os temas.

Finalizando, queremos registrar que a presente proposta não pode e não pretende colocar-se dissociada da situação sócio-econômica do distrito de Perus, palco histórico dos acontecimentos.

Mas neste momento não pretendemos aprofundar uma análise nem formular soluções que possam vir a descaracterizar a essência da proposta, apontando saídas imediatistas que a nosso ver não se viabilizariam.

Daf não poderemos acreditar possível, no momento, reservar áreas para a implantação industrial ou de conjuntos habitacionais, porque a vocação de pólo turístico parece impor-se claramente, pois foi o acaso que colocou a fábrica junto à Área Verde do Parque Anhangüera, interligando-os pela Estrada de Ferro Perus-Pirapora, cujo "tombamento" pelo Governo Estadual data de 1987.

A possível reativação da ferrovia acabará por significar grande atrativo para a cidade dentro de seus próprios limites, reforçando a proposta do Centro Cultural de Perus.

Atenciosamente

Comissão Pró-Centro de Cultura Operária-Perus

Apoio:

Sindicato dos Trabalhadores na Indústria do Cimento, Cal e Gesso de São Paulo

Associação dos Aposentados de Perus

Secretaria Municipal de Cultura

Centro Cultural "Ajuá" Perus

F.N.T. - Frente Nacional do Trabalho

SERPAJ - Secretariado Nacional Justiça e Não-Violência

Comunidades Eclesiais de Base-Perus

Advocacia Carvalho de Jesus

Grupo de Professores Perus

Grupo de Teatro "Se me deixam falar" - Perus

ANEXO

1

"Perus" é o nome que grande parte da região do "Ajuá" (assim denominada desde o século XVI) passou a ter desde começos do século passado. "Perus" vem de "pi-ru" ("pôr-se apertado" em guarani).

Datas mais importantes de sua História:

- 1867 - Inauguração da Estação Ferroviária de Perus junto com a Estação da Luz e todo o restante da São Paulo Railway, atualmente conhecida como Estrada de Ferro Santos-Jundiaí. As estações mais próximas, nessa época, eram as da Água Branca e de Francisco Morato que então se chamava "Belém".

- 1890 - Criação da Companhia Melhoramentos.

- 1910 - Criação da Companhia Industrial e Estrada de Ferro Perus-Pirapora (CIEFPP) pelo Dr. Arthur Moraes Jambreiro Costa, pelo Dr. Sylvio de Campos, pelo Sr. Mário Tebiriçá, Sr. Clemente Neidhart e pelos irmãos Florindo, Carmine e Lourenço Beneducci. Objetivo: produzir cimento e cal na localidade conhecida atualmente como Bairro do Gato Preto (em Cajamar) e transportá-los por uma pequena ferrovia para baldeação na Estação de Perus.

- 1914 - Inauguração da Estrada de Ferro Perus-Pirapora.

- 1924 - Criação da Companhia de Cimento Portland Perus por meio de um acordo entre um grupo canadense (a companhia Drysdale Y Pease, de Montreal) e os proprietários da CIEFPP.

- 1926 - Início de Funcionamento da Fábrica de Cimento.

- 1934 - Criação do Distrito de Perus.

- 1951 - O complexo minas de calcário de Cajamar/EFPP/Fábrica de Cimento é comprado pelo Sr. Jose João Abdalla, Deputado Constituinte em 1946 e então Secretário do Trabalho do Governador Adhemar de Barros.

- 1954 - Inauguração da luz elétrica em Perus.

- 1958 - Greve de dois meses dos trabalhadores da "Perus" que reivindicavam 10% de aumento além dos 20% concedidos a todos os funcionários das empresas do Grupo Abdalla ou a redução em 10% do preço do cimento no mercado. Conquistas:

- Pagamento dos dias parados;
- 10% + 20% de reajuste salarial tal como reivindicado;
- Pagamento do salário-família, direito previsto na Constituição de 1946 e regulamentado nesse momento pela primeira vez em todo o país;
- O Sindicato dos trabalhadores da "Perus"

- 1958 - Plebiscito para a transformação de Perus em município independente de São Paulo. Não é atingido o número mínimo de votantes exigido em lei mas o "Não" vence nas urnas graças a uma campanha puxada pelo Sindicato dos "queixadas".

- 1961 - Início de greve de todas as empresas do Grupo Abdalla. Após dois meses de paralisação, o Sr. J.J. Abdalla fez acordo em separado com outros quatro sindicatos ao mesmo tempo que recusa qualquer negociação com os "queixadas". Em processo na Justiça do Trabalho, passa a acusar os trabalhadores de desobediência ao mesmo tempo que inicia uma operação fura-greve que contou com tropas policiais que foram de casa em casa intimidar os operários..Parte dos trabalhadores retorna ao trabalho enquanto outros 700 continuam am greve. Em resposta, o Sindicato e a Frente Nacional do Trabalho lançam a campanha pela desapropriação da Fábrica e anexos(EFPP e minas de calcário) para ser cogerida pelo Estado e pelos operários como forma de cobrir o enorme volume de dívidas do Grupo Abdalla em impostos atrasados.

- 1967 - Os 501 operários estáveis ganham na Justiça do Trabalho o reconhecimento da legalidade da greve iniciada em 1961 com garantia de reintegração à companhia e pagamento dos dias parados.

- 1967 - Greve(reconhecida como legal) contra atraso de pagamento obtém um precedente jurídico importantíssimo: a partir desse momento, a Justiça Trabalhista passou a considerar legal toda greve por atraso de pagamento devendo-se pagar os dias parados e aplicar multa percentual por cada dia de atraso.

- 1969 - Concretiza-se a reintegração ao trabalho dos 501 estáveis.

- 1970 - Intervenção na Fábrica de Cimento e anexos por causa de suas dívidas pelo Governo Federal, o primeiro caso desse tipo em toda a História do país.

- 1972 - Inauguração do Cemitério de Perus.

- 1973 - Pagamento das indenizações dos 501 estáveis.

- 1973 - Inauguração da Rodovia dos Bandeirantes e início do favelamento em Perus pois muitas famílias do Jardim do Russo e da Vila Inácio não receberam nenhuma indenização, sendo simplesmente expulsas de suas casas para a construção da auto-estrada.

- 1973 - Lançamento do movimento pela instalação de filtros na Fábrica de Cimento para acabar com o lançamento de pó de cimento sobre o bairro através de uma das primeiras passeatas ecológicas de todo o país.

- 1979 - Desapropriação do Sítio Santa Fé, de propriedade do Grupo Abdalla, pelo Governo Federal devido a campanha nesse sentido promovida pelos "queixadas". No mesmo ano, a Prefeitura de São Paulo compra essas terras transformando a maior parte no Parque Anhanguera(o maior da cidade com 9,6 quilômetros quadrados)

te no Aterro Sanitário Bandeirantes(o "lixão") de Perus) em funcionamento desde este ano.

-1980- Fim do lançamento de pó de cimento.

- 1981- O Grup Abadalla retoma em leilão público a Fábrica de Cimento, as minas de Calcário de Cajamar e a Estrada de Ferro Perus-Pirapora.

- 1983 - Desativação da Perus-Pirapora e das minas de calcário de Cajamar passando a Fábrica a comprar o "klinker"(calcário "assado" a altas temperaturas em fornos industriais) de empresas pertencentes ao Cartel do Cimento liderado pelo Sr. Antonio Ermírio de Moraes. Os seguidos cortes no fornecimento paralisam a Fábrica e obrigam os trabalhadores a novas greves e outras formas de mobilização em defesa dos seus empregos. A Fábrica vai sendo progressivamente desativada.

- 1986 - Última greve dos trabalhadores da "Perus".

- 1990 - Descoberta vala clandestina com inúmeras ossadas irregularmente enterradas no Cemitério de Perus.

Elcio Siqueira
Bacharel em História
4/1/93